

# Reinaldo Ferreira e o calor do verso lírico

Breve apontamento, de um jovem poeta e crítico que vem colaborando connosco, sem preocupação de crítica aprofundada, tem o mérito de recordar um poeta que atingiu nível alto na lírica portuguesa.

Reinaldo Ferreira viveu em Moçambique desde os 19 anos de idade até à data da sua morte prematura em 1959, com 37 anos. Aqui escreveu poesia que só acidentalmente buscou raízes temáticas moçambicanas.

É certo que Reinaldo Ferreira uma ou outra vez se deixou tentar pela concessão ao gosto pequeno-burguês e populista, como na letra da canção «Uma casa portuguesa» que durante anos, a partir do Rádio Clube de Moçambique, pertenceu ao «currículo» musical das emissoras radiofónicas do então chamado «espaço português» e ultrapassou mesmo as suas fronteiras.

Mas nem o desenraizamento temático nem fortuitas concessões, diminuíram o valor formal da sua poesia que, no conjunto, se firmou com direitos antológicos.

A sua única obra, publicação póstuma em 1960, surpreendeu o meio literário português pelo saber oficial e qualidade estética.

O poeta viveu de 1922-59 devendo-se a sua morte precoce a um cancro pulmonar. Não publicou em vida livro que fosse, mas a admiração de um círculo de amigos organizou uma edição em livro com o título genérico de «Poemas» para um conjunto de quatro títulos que certamente o autor projectava divulgar. Existem ainda do poeta poemas dispersos.

O conhecimento entre nós da poesia de Reinaldo Ferreira, classificado de pioneiro da literatura escrita em Moçambique, é feita nos centros escolares mormente através dos trabalhos em que o autor aborda temas moçambicanos. Admite-se também que os leitores que tomaram contacto com a poesia de Noémia de Sousa e Rui de Noronha possam falar da



poesia deste autor e do seu espaço social, pelo que se nos põe afirmar que Reinaldo Ferreira porque humano, morreu, mas a sua poesia, porque autenticamente ARTE continua a chamejar.

Privilégio da literatura e de toda a arte realmente imbuída de características inerentes à criação, é poder manter-se homogénea pelo sumo de juízos de formas ou sentidos, universais no espaço e imortredouros no tempo. Sabemos que as aparências iludem, que é possível rotular em determinado período temporal uma obra mediocre de obra-prima. Contudo, ao provar que a obra ganha cabelos brancos, o tempo reconhece-se o maior filtro artístico pois a arte é eternamente jovem e bem humorada.

Felizmente que em Reinaldo Ferreira, lido sem preconceitos, adivinhamos a graciosidade, a rigorosa construção poética e o aroma de alguns cismares arrancados à pele da sociedade. O poeta foi

homem, como tal, amou, sentiu, e viveu. Teve sangue a correr nas veias, fez dele o termómetro da sua consciência social e à vista de atropelos a sua temperatura elevou-se. Fez-se ave e ensaiou o voo contudo este saiu UM VOO CEGO A NADA.

A poesia de Ferreira empresta-nos o conceito de que a literatura não deve ser unicamente circunscrita ao nível da clamação ideológica mas antes valorizada e conduzida à plenitude pelo cultivo da estética, da arrumação calculada da palavra e do verso no bloco do poema, pela capacidade de fornecer ao leitor um quadro de imagens variadas estacionadas a diferentes planos.

No poema «Receita para fazer um herói», o poeta canta: «Tome-se um homem,/Feito de nada como nós,/E em tamanho natural./Embeba-se-lhe a carne./Lentamente,/Duma certeza aguda, irracional/Intensa como o ódio ou como a fome./Depois, perto do fim,/Agite-se um pendão/E toque-se um clarim.»

— Quase que vemos Reinaldo Ferreira, enterrar as mãos no fundo das algibeiras das calças e engolir um gole de ar antes de acrescentar «serve-se morto».

É também da pena do autor que brotam os pensamentos «A emoção é como um pássaro:/Quando se prende já não canta» e «O poeta é aquele que numa praça/Aguarda na manhã que se insinua/Ou na tarde que tinda/O voo que há-de-vir» — confluenciados na máxima «Sem emoção toda a poesia é nada». Sim, que o digam poetas avançados em idade!, nada mais feliz que estes versos. Em poesia é de primeiro interesse o florir do riso, mesmo que encerre em si o véu da tristeza: «Depois quero dormir um sono enorme.../Que para uma aflicção que nunca dorme,/ A Morte, temo bem que seja pouco» — diz o poeta como que achando luz, alegria, repouso na morte.

Brian Tio Ninguas